

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA COMO PRÁTICA DE JUSTIÇA EPISTÊMICA: ANÁLISE DE TRÊS PODCASTS DO INCT CALEIDOSCÓPIO

FEMINIST SCIENCE COMMUNICATION AS A PRACTICE OF EPISTEMIC
JUSTICE: AN ANALYSIS OF THREE PODCASTS FROM INCT
CALEIDOSCÓPIO

COMUNICACIÓN CIENTÍFICA FEMINISTA COMO PRÁCTICA DE JUSTICIA
EPISTÉMICA: ANÁLISIS DE TRES PODCASTS DEL INCT CALEIDOSCÓPIO

Inara Fonseca

■ Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, faz pós-doutorado sobre comunicação científica feminista vinculado ao INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências (UNB).

■ *Investigadora del Núcleo de Estudios de Género Pagu de la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP). Actualmente, realiza un posdoctorado sobre comunicación científica feminista, vinculado al Instituto de Estudios Avanzados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Género e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências (UNB).*

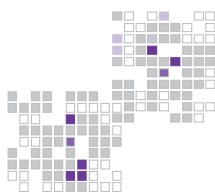
■ E-mail: inarafferreira@gmail.com

Karla Adriana Martins Bessa

■ Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Pós-graduação em Multimeios e Ciências Sociais na mesma instituição. É vice-coordenadora do INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências (UNB).

■ *Investigadora del Núcleo de Estudios de Género Pagu de la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP). Es profesora de los programas de posgrado en Multimedia y Ciencias Sociales de la misma institución. Es vicedirectora del Instituto de Estudios Avanzados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Género e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências (UNB).*

■ E-mail: kbessa@unicamp.br



RESUMO

O artigo analisa a política de comunicação científica feminista do INCT Caleidoscópio a partir de três podcasts. Articulando crítica feminista da ciência, perspectivas de saberes situados e objetividade corporificada, realiza análise qualitativa das dimensões de produção e circulação, considerando os limites para aferir a apropriação dos conteúdos. Os resultados evidenciam estratégias de redistribuição de autoridade epistêmica, deslocamento de posições de enunciação e tensionamento de hierarquias na comunicação científica.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA; JUSTIÇA EPISTÊMICA; SABERES SITUADOS; INCT CALEIDOSCÓPIO.

ABSTRACT

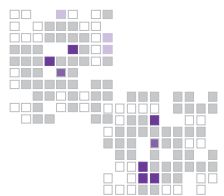
This article analyzes the feminist science communication policy of the INCT Caleidoscópio through three podcasts. Drawing on feminist critiques of science and the perspectives of situated knowledges and embodied objectivity, it conducts a qualitative analysis of production and circulation, considering the limitations to assessing content appropriation. The results highlight strategies for redistributing epistemic authority, shifting positions of enunciation, and challenging hierarchies in science communication.

KEY WORDS: FEMINIST SCIENCE COMMUNICATION; EPISTEMIC JUSTICE; SITUATED KNOWLEDGES; INCT CALEIDOSCÓPIO.

RESUMEN

El artículo analiza la política de comunicación científica feminista del INCT Caleidoscópio a partir de tres podcasts. Desde una crítica feminista de la ciencia y las perspectivas de los saberes situados y la objetividad encarnada, realiza un análisis cualitativo de las dimensiones de producción y circulación, considerando las limitaciones para evaluar la apropiación de los contenidos. Los resultados evidencian estrategias de redistribución de la autoridad epistémica, desplazamiento de posiciones de enunciación y cuestionamiento de jerarquías en la comunicación científica.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN CIENTÍFICA FEMINISTA; JUSTICIA EPISTÊMICA; SABERES SITUADOS; INCT CALEIDOSCÓPIO.



1 Introdução

A comunicação pública da ciência tem sido marcada por disputas em torno de enquadramentos, visibilidade e legitimidade do conhecimento científico, nas quais determinados atores passam a ocupar posições estratégicas de mediação entre produção científica e sociedade, influenciando quais vozes ganham reconhecimento público e quais permanecem marginalizadas. Nesse sentido, cresce, nas últimas décadas, no campo das epistemologias feministas, a defesa de práticas de comunicação científica orientadas por princípios de equidade e justiça social (Stengers, 2024; Reznik e Massarani, 2022). De modo geral, o argumento apresentado por essa literatura é que, em sociedades profundamente desiguais, torna-se necessário pensar em práticas de comunicação da ciência capazes de promover reconhecimento e, ao mesmo tempo, redistribuir poder, considerando os contextos sociais, históricos e políticos que atravessam os diferentes corpos com os quais a comunicação é estabelecida.

Considerando que grupos historicamente subalternizados são frequentemente os mais afetados por crises socioambientais, sanitárias e pela circulação de desinformação e negacionismo científico, torna-se urgente pensar em formas de comunicação da ciência que possibilitem um diálogo efetivo entre ciência e sociedade. Diante desse cenário de disputas epistêmicas e desigualdades estruturais, a crítica feminista (Haraway, 2009; Stengers, 2024; Gonzalez 2022) oferece ferramentas teóricas e metodológicas relevantes para problematizar essas assimetrias e propor outras formas de relação entre ciência, conhecimento e sociedade.

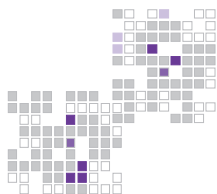
Este artigo sustenta que a comunicação científica pode deslocar as distâncias entre especialistas e sociedade ao problematizar as relações de poder que atravessam as convenções do jornalismo científico e a pretensão de uma “tradução neutra”

de saberes complexos para uma linguagem popular. Essa perspectiva demanda orientar a comunicação pública da ciência por princípios de equidade e justiça social, considerando como racismo e sexismo estruturam a cultura científica (Reznik & Massarani, 2022). Assim, uma política de comunicação científica feminista busca ampliar o diálogo com sujeitos historicamente marginalizados e tensionar hierarquias na produção e circulação do conhecimento.

É nesse horizonte que se insere o presente trabalho, que se configura como uma pesquisa qualitativa de caráter reflexivo e situado sobre a formulação e implementação de uma política de comunicação científica feminista no âmbito do INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências¹. Portanto, esse artigo analisa a política de comunicação científica feminista do INCT Caleidoscópio como prática comunicacional situada que articula produção de conhecimento, mediação científica e epistemologias feministas.

O estudo mobiliza a análise de três produtos comunicacionais produzidos pelo instituto, os podcasts “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola”, “Trajetórias Feministas de Pesquisa” e “Universidade Livre de Assédio”, articulando essa análise a uma reflexão teórica sobre modelos de comunicação pública da ciência. Para examinar essa experiência, analisamos os podcasts com ênfase em duas dimensões analíticas da comunicação científica — produção e circulação - entendidas como espaços nos quais se materializam disputas

1 O INCT Caleidoscópio emerge de cerca de três décadas de atuação, no Brasil, de núcleos e centros de pesquisa dedicados a mulheres, gênero, sexualidades e suas interseccionalidades. Constitui-se como rede acadêmica nacional voltada à produção de conhecimento feminista interseccional e à comunicação científica (Bessa e Resende, 2026).



por reconhecimento, autoridade epistêmica e visibilidade pública.

Ao analisar esses produtos comunicacionais, o artigo busca contribuir para o campo da comunicação científica ao sistematizar empiricamente dimensões de uma política de comunicação científica feminista, evidenciando como disputas por autoridade epistêmica, regimes de visibilidade e estratégias de circulação se materializam em práticas concretas de produção midiática.

2 Metodologia

A fim de empreendermos uma análise qualitativa de produtos comunicacionais desenvolvidos no âmbito do INCT Caleidoscópio, restringimos nosso recorte aos três podcasts vinculados à sua política de comunicação científica. O podcast constitui um formato de comunicação sonora digital sob demanda, marcado pela diversidade de gêneros e formatos (Figueira & Bevilaqua, 2022). Resultante da convergência entre tradições como rádio, documentário sonoro, jornalismo narrativo e cultura de blogs e tecnologias digitais, o formato foi incorporado às práticas de comunicação científica por possibilitar uma presença mais efetiva da voz de pesquisadores e uma comunicação menos formal que o texto jornalístico. Trier-Bieniek (2023) destaca ainda seu potencial como pedagogia feminista e interseccional e sua capacidade de atrair públicos jovens.

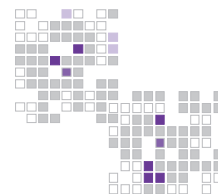
O corpus empírico compreende os dez episódios do podcast “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola”, publicados entre 13 de abril de 2025 e 19 de fevereiro de 2026; os quatro episódios de “Universidade Livre de Assédio”, publicados entre 8 de maio e 24 de julho de 2025; e os seis episódios de “Trajetórias Feministas de Pesquisa”, publicados entre 7 de maio de 2024 e 3 de fevereiro de 2026. A leitura dos materiais foi orientada pelas dimensões de

produção e circulação, considerando aspectos como autoria, composição das equipes, posições de enunciação, estrutura narrativa, participação das entrevistadas, formas de apresentação dos conhecimentos científicos e estratégias de divulgação. A análise buscou identificar recorrências e diferenças entre os três podcasts e interpretá-las à luz do referencial teórico mobilizado no artigo, especialmente os conceitos de saberes situados, objetividade corporificada, justiça epistêmica e modelos de comunicação científica.²

A dimensão da produção considera aspectos como autoria, composição das equipes, posições de enunciação e estrutura narrativa dos episódios. A circulação contempla as plataformas de disponibilização dos conteúdos, bem como as estratégias de divulgação associadas aos podcasts. A apropriação, embora constitua uma dimensão relevante para a compreensão dos processos comunicacionais, não é objeto de análise empírica neste estudo, uma vez que não foram realizados procedimentos de pesquisa de recepção. Assim, as considerações sobre essa dimensão restringem-se à explicitação dos limites para sua avaliação a partir do corpus analisado.

Enquanto autoras desta análise, é importante sinalizar que fazemos parte da equipe de coordenação de comunicação científica do INCT Caleidoscópio, o que configura uma posição de implicação institucional no campo analisado. Tal condição é explicitada como parte do enquadramento metodológico e epistemológico da pesquisa, em diálogo com a noção de objetividade corporificada proposta por Donna Haraway (2009), assumindo nossa posição situada

2 Links dos episódios analisados. “Mulheres quilombolas nas ciências”: [1] [2] [3] [4] [5] [6] [7] [8] [9] [10]; Trajetórias Feministas de Pesquisa: [1] [2] [3] [4] [5] [6]; Universidade Livre de Assédio: [1] [2] [3] [4].



em lugar de uma pretensão de neutralidade. Em consonância com as perspectivas feministas, a análise aqui desenvolvida assume essa implicação como elemento constitutivo da reflexão crítica.

No entanto, nenhuma das autoras participou das etapas executivas de produção dos podcasts “Mulheres quilombolas nas ciências” e “Universidade Livre de Assédio”. No caso de “Trajetórias Feministas de Pesquisa”, houve participação direta em etapas de produção e distribuição, circunstância que é reconhecida e problematizada ao longo da análise.

Ao adotar essa abordagem, buscamos tensionar as condições de produção da comunicação científica feminista a partir de dentro do próprio campo institucional, assumindo que o conhecimento produzido é parcial, situado e atravessado por responsabilidades ético-políticas. A análise pretende, assim, contribuir tanto para a sistematização acadêmica do campo da comunicação científica quanto para o aprimoramento reflexivo das práticas desenvolvidas no âmbito do próprio INCT.

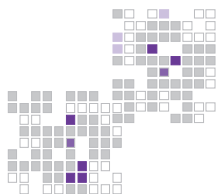
3 Comunicação, poder e modelos de divulgação científica

O impacto do movimento feminista na produção do conhecimento científico tem sido analisado por distintas pesquisadoras (Keller, 2006; Harding, 1998; Martin, 2006; Pinheiro, 2019) para desconstrução do modelo hegemônico de ciência. Na história das ciências, as mulheres foram sistematicamente invisibilizadas, e seu acesso aos espaços de pesquisa e produção científica foi negado e/ou dificultado. A própria relação entre ciência e sociedade foi, em grande medida, pensada por homens brancos euro-estadunidenses (Samagaia, 2016). Carl Sagan, por exemplo, ao definir a divulgação científica como o esforço de tornar métodos e descobertas acessíveis aos que não são cientistas (Sagan, 1996), explicita uma visão assimétrica da relação

entre ciência e sociedade: de um lado, o sujeito do conhecimento; de outro, aqueles que necessitam de mediação para acessar o saber científico. Essa formulação reforça uma perspectiva hierárquica e unidirecional que historicamente marcou o campo (Samagaia, 2016).

Falar de divulgação científica é, necessariamente, falar de comunicação. Neste trabalho, compreendemos a comunicação como prática social que configura também um campo no sentido que lhe deu Bourdieu (1996): um espaço simbólico e sociodiscursivo atravessado por disputas, permanentemente atualizado pelos contextos em que se insere. Trata-se de uma prática social imersa e constituída por teorias, modelos, metodologias e, sobretudo, relações de poder — especialmente poder simbólico, isto é, o poder de fazer ver e fazer crer. Dessa forma, enquanto divulgação é uma palavra que infere transmissão de informações, a comunicação articula sentidos, legitima vozes, define agendas e participa da (in)visibilização de sujeitos e temas (Araújo e Cardoso, 2007; Reznik e Massarani, 2022).

No Brasil, as primeiras pesquisas sobre divulgação científica datam do final da década de 1980 e se concentram majoritariamente nos programas de pós-graduação em educação e educação científica - o que impacta a perspectiva construída sobre a área (Samagaia, 2016). Em consonância com matrizes teóricas europeias, o modelo do déficit ou modelo da instrução pública aparece como o hegemônico (Massarani, 2012). De forma sintética, tais modelos partem da premissa de que há uma lacuna de conhecimento entre cientistas e sociedade, concebendo o público como desprovido de cultura científica. As interações estabelecidas tendem a ser unidirecionais, e a ciência é apresentada como portadora de uma verdade universal e objetiva. Nesse enquadramento, cabe a um mediador, frequentemente o jornalista ou



comunicador científico, traduzir o conhecimento científico para um público considerado incapaz de apropriá-lo sem instrução formal. Ainda que apresentem variações internas, esses modelos compartilham uma concepção hierárquica da relação ciência-sociedade, desconsiderando outras formas de conhecimento e a dimensão dialógica do processo comunicacional.

Se a perspectiva hegemônica estabelece uma fronteira rígida entre ciência e sociedade (Samagaia, 2016; Massarani, 2012), a política de comunicação científica do INCT Caleidoscópio situa-se precisamente na problematização dessa fronteira. A partir de uma perspectiva feminista interseccional e emancipatória, buscamos tensionar essa separação e afirmar a comunicação científica como prática relacional, situada e politicamente implicada. Nesse sentido, optamos por abandonar a categoria “divulgação científica”, cuja nomenclatura remete a um modelo de comunicação predominantemente informativo e vertical (Wolton, 1997; Samagaia, 2016), para afirmar a noção de comunicação científica feminista.³

Ao adotar uma perspectiva feminista interseccional e afro-latino-americana, reiterando o legado de Lélia Gonzalez (2022), posicionamos nossa prática comunicacional em favor da equidade de gênero e da justiça social. Isso implica: 1) visibilizar pesquisas sobre equidade, diversidade e inclusão de grupos socialmente minorizados por marcadores de raça, classe, gênero e sexualidade, mas também criar condições para que esses sujeitos sejam reconhecidos como protagonistas na produção do conhecimento científico; 2) produzir

ciência comunicada a partir de objetividades corporificadas e saberes situados, em consonância com as críticas feministas à pretensão de neutralidade abstrata formuladas por autoras como Donna Haraway (2009) e Isabelle Stengers (2024). Corporificar a comunicação científica significa reconhecer que interlocutoras não são categorias estatísticas, mas sujeitas inseridas em contextos históricos e materiais. É a partir desses referenciais teóricos e políticos que analisaremos, na seção seguinte, os produtos comunicacionais do INCT Caleidoscópio.

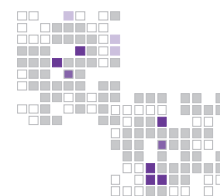
3.1. Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola

O podcast “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola” foi desenvolvido no âmbito da Incubadora Social Feminista Antirracista Norte, Nordeste e Amazônia Legal e integra o projeto de pesquisa “Mulheres Quilombolas nas Ciências: políticas de permanência nas universidades e produção de subjetividades” (Edital Universal CNPq nº 10/2023). Sua execução contou ainda com apoio do Ministério da Igualdade Racial (MIR).

Embora integremos a coordenação de comunicação científica do INCT Caleidoscópio, nenhuma das autoras participou das etapas executivas de produção do podcast (pesquisa, roteiro ou locução). A análise fundamenta-se, portanto, na escuta sistemática dos dez episódios disponíveis até fevereiro de 2026, bem como na observação de elementos como estrutura narrativa, construção de autoridade, posições de enunciação, critérios de autoria e estratégias de circulação. Interações ocorridas em reuniões relacionadas à distribuição do conteúdo contribuem apenas como elementos de contextualização.

Lançado em março de 2024, o podcast adota um formato de entrevistas em que tanto a entrevistadora quanto a entrevistada são mulheres quilombolas com trajetórias

³ Neste artigo, não buscamos estabelecer uma definição acabada de comunicação científica feminista. Por se tratar de uma perspectiva ainda em construção, tomamos a própria experiência do INCT Caleidoscópio como espaço de elaboração e tensionamento dessa categoria, observando como ela se materializa nas práticas de produção e circulação dos produtos analisados.



acadêmicas e político-territoriais. Até fevereiro de 2026 foram produzidos dez episódios com convidadas de distintas regiões do Brasil. O objetivo declarado é visibilizar trajetórias e conhecimentos produzidos por mulheres cientistas quilombolas, deslocando-as da posição historicamente recorrente de objeto de pesquisa para a de sujeitas produtoras de conhecimento.

No plano da produção, destaca-se a opção por uma autoria explicitamente coletiva. Os créditos valorizam de forma ampliada as atividades envolvidas na realização do podcast, incluindo funções como transcrição das entrevistas, além de pesquisa, roteiro e locução. São igualmente mencionadas professoras orientadoras, técnicas administrativas e bolsistas de graduação. Tal escolha, certamente uma estratégia de visibilidade, constitui um gesto político de redistribuição simbólica de reconhecimento, tensionando hierarquias frequentemente presentes na produção científica e comunicacional.

Outro aspecto relevante refere-se à composição étnico-racial da equipe creditada: das sete pessoas mencionadas, apenas uma é branca; as demais são mulheres negras, três delas quilombolas. Em um campo historicamente marcado pela sub-representação racial na ciência brasileira, essa configuração adquire densidade política, deslocando posições de enunciação e redefinindo quem produz, quem narra e quem é reconhecida como autoridade científica.

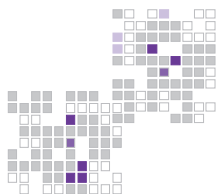
No plano do formato, a decisão de que a interlocução ocorra “de quilombola para quilombola” é central. Ao situar mulheres quilombolas nos dois polos da enunciação, o podcast cria condições de diálogo marcadas por pertencimento territorial, racial e epistemológico compartilhado. Historicamente, sujeitos e movimentos quilombolas enfrentam barreiras estruturais para fazer circular suas vozes no espaço público. Ao instituir um espaço comunicacional em que mulheres quilombolas

conduzem e protagonizam a narrativa, o podcast tensiona essa marginalização e redistribui autoridade epistêmica de gênero e raça.

Quando relacionado ao modelo hegemônico da comunicação pública da ciência, frequentemente associado à lógica do déficit, o podcast apresenta rupturas significativas. A mediação nesse caso sofreu uma importante transformação, pois abandonou a figura tradicional do divulgador científico — frequentemente masculino, branco e investido de autoridade institucional —, mas de pesquisadoras quilombolas que compartilham experiências situadas e produzem conhecimento científico a partir de seus territórios. O saber quilombola é respeitado, por isso mesmo, ultrapassa o formato meramente ilustrativo, mas é reconhecido como produção epistemológica legítima. Observa-se, assim, um movimento articulado de protagonismo e representação na produção do conhecimento.

Esse protagonismo também se manifesta nos materiais de divulgação dos episódios no Instagram, nos quais a imagem da mulher cientista quilombola ocupa posição central e sua trajetória acadêmica e político-territorial é destacada. A estratégia visual e textual reforça a redistribuição simbólica de autoridade já operada no conteúdo sonoro e integra as estratégias de circulação do podcast em redes digitais.

A análise indica, portanto, que “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola” materializa, em grande medida, a política de comunicação científica feminista formulada pelo INCT Caleidoscópio. Ao deslocar hierarquias na produção, redistribuir reconhecimento e instituir espaços de enunciação a partir dos territórios, o podcast tensiona a lógica vertical da comunicação científica tradicional e contribui para práticas comunicacionais orientadas por princípios de justiça epistêmica. Entretanto, persistem limites quanto à apropriação do conteúdo. A ausência



de dados sistemáticos de recepção impede aferir seus efeitos sobre os públicos pretendidos e, portanto, avaliar em que medida os conteúdos são efetivamente apropriados.

3.2. Universidade Livre de Assédio

O podcast “Universidade Livre de Assédio”, idealizado pela nucleação Sul-Sudeste do Observatório Caleidoscópio, apresenta diálogos com pesquisadoras que têm formulado, implementado e avaliado políticas de enfrentamento às violências e aos assédios nas universidades, bem como ações afirmativas voltadas à equidade de gênero, raça e classe na ciência. Nenhuma das autoras participou das etapas executivas de produção do podcast, embora uma delas tenha atuado na distribuição do conteúdo em plataformas digitais e redes sociais.

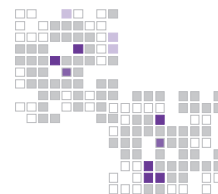
Lançado em 2024, o podcast conta, até fevereiro de 2026, com quatro episódios que abordam pesquisas desenvolvidas por mulheres cientistas no Brasil, Chile e Argentina. A análise considera esses episódios a partir dos eixos produção, circulação e apropriação, permitindo comparabilidade interna entre os produtos comunicacionais do INCT.

No plano da produção, observa-se uma diferença significativa em relação ao podcast “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola”. Os créditos indicam uma equipe reduzida, composta basicamente por uma pesquisadora de pós-doutorado e uma professora vinculada à nucleação Sul-Sudeste do Observatório Caleidoscópio. A ausência de financiamento específico resulta em uma dinâmica de produção concentrada, na qual uma mesma pessoa acumula funções de pesquisa, roteiro, locução e edição. Essa configuração aproxima-se de uma estética de “produção de guerrilha”, revelando a precarização estrutural que frequentemente atravessa iniciativas feministas no campo científico. A redistribuição

de autoridade epistêmica, nesse caso, convive com limites materiais que impactam a forma final do produto.

No plano do formato, o podcast é concebido por e com mulheres, tendo exclusivamente pesquisadoras como entrevistadas. Esse arranjo desloca a figura tradicional da autoridade científica, historicamente masculina, e reafirma a centralidade das mulheres como produtoras de conhecimento e agentes institucionais de transformação. Ao narrar a criação de ouvidorias, protocolos de gênero e políticas afirmativas para mães em concursos acadêmicos, as entrevistadas articulam experiência vivida e ação institucional, evidenciando que a pesquisa não se dissocia da intervenção política. Observa-se, assim, uma articulação entre a redistribuição simbólica de reconhecimento e a atuação das entrevistadas em processos de transformação das estruturas universitárias.

O conteúdo dos episódios explicita uma pauta histórica do feminismo acadêmico: o enfrentamento ao assédio baseado em gênero nas universidades. Em diversas entrevistas, a trajetória pessoal das pesquisadoras se entrelaça à implementação de instrumentos institucionais de combate às violências, revelando o protagonismo feminino na transformação das políticas universitárias. Essa articulação entre biografia, pesquisa e institucionalização de direitos tensiona a ideia de neutralidade científica ao reforçar o comprometimento e engajamento necessários para produção de conhecimento que visa transformar estruturas que reproduzem violências e desigualdades. Entretanto, no plano narrativo, a estrutura tópica das entrevistas produz efeitos ambivalentes. Em alguns episódios, a centralidade de dados estatísticos e a organização em respostas extensas aproximam o formato de um seminário gravado ou de uma semi-palestra. Nesses casos, observa-se um deslocamento do diálogo para uma exposição



mais unilateral, o que pode reintroduzir traços de pedagogização e verticalização da mediação científica - aproximando-se, ainda que parcialmente, da lógica historicamente associada ao modelo do déficit (Samagaia, 2016; Massarani, 2012). A intenção política de redistribuição de autoridade epistêmica convive, portanto, com formas narrativas que nem sempre rompem integralmente com a mediação hierárquica.

Outro aspecto relevante refere-se ao perfil das entrevistadas. Como o podcast dialoga com pesquisadoras já consolidadas em suas áreas, e considerando a histórica sub-representação de mulheres negras nas ciências brasileiras, a maioria das participantes é composta por mulheres brancas vinculadas a universidades do Sul/Sudeste do Brasil e da Argentina.

3.3. Trajetórias Feministas de Pesquisa

O podcast “Trajetórias Feministas de Pesquisa” foi produzido diretamente por pessoas ligadas à coordenação de comunicação científica do INCT Caleidoscópio. Diferentemente dos produtos analisados anteriormente, ambas as autoras estiveram implicadas em sua realização: uma participou de etapas de produção executiva (pesquisa, roteiro e locução) e a outra atuou na distribuição do conteúdo nas plataformas digitais e redes sociais. A análise considera os seis episódios disponíveis até fevereiro de 2026 e mobiliza os mesmos critérios adotados nos casos anteriores, preservando a comparabilidade entre os produtos comunicacionais analisados.

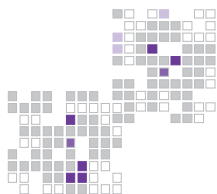
Lançado em 2024, o podcast foi concebido com dois objetivos principais: visibilizar trajetórias de mulheres cientistas do Brasil e do mundo; e sensibilizar futuras gerações quanto à importância das mulheres nas ciências e das ciências para a melhoria das condições de vida das mulheres. Esses objetivos dialogam diretamente com a proposta mais ampla de comunicação científica feminista do INCT Caleidoscópio, especialmente no que se refere à redistribuição simbólica de

reconhecimento e à construção de referências para novas gerações.

No plano da produção, o podcast também é concebido por e com mulheres, tendo exclusivamente pesquisadoras como entrevistadas. Assim como no caso do “Universidade Livre de Assédio”, não houve financiamento específico para sua execução. Contudo, diferentemente da centralização observada naquele produto, o grupo adotou uma estratégia coletiva de realização, organizando rodízio entre pós-doutorandas e professoras nas etapas de entrevista e condução dos episódios. Essa tática de compartilhamento de responsabilidades opera como resposta ao subfinanciamento estrutural e produz efeitos formais: observa-se maior diversidade na estrutura dos roteiros, nas abordagens e nas trajetórias contempladas. A experiência coletiva de produção desloca assim a lógica individualizante que frequentemente marca a autoria científica.

Os episódios apresentam pesquisadoras de distintos contextos geográficos e áreas do conhecimento, incluindo cientistas do Brasil, Argentina, Jamaica e Estados Unidos. As trajetórias abordam temas como desigualdades raciais, ciência situada no Sul Global, participação de mulheres em áreas historicamente masculinizadas - como geologia, astronomia e engenharias - e iniciativas voltadas ao incentivo de meninas nas ciências. Observa-se, portanto, uma escolha deliberada por destacar trajetórias em campos científicos onde a presença feminina permanece minoritária, reforçando o caráter político da visibilização dessas experiências.

No plano narrativo, os episódios são estruturados em tom dialógico, permitindo que as entrevistadas aprofundem suas trajetórias pessoais e científicas. Observa-se a recorrência de um movimento característico das epistemologias feministas: a articulação entre biografia, localização social e produção de conhecimento,



em diálogo com a noção de saberes situados (Haraway, 2009; Harding, 1998). A ciência emerge nos testemunhos como prática situada, corporificada e atravessada por experiências de gênero, raça e território, materializando, no plano narrativo, a crítica feminista à concepção de uma objetividade desincorporada (Harding, 1998). Nesse sentido, o podcast contribui para deslocar a imagem abstrata e desincorporada da cientista, produzindo identificação e reconhecimento, especialmente em áreas tecnológicas historicamente associadas ao masculino. Além de serem vozes femininas, os episódios apresentam sotaques de distintas regiões do país e diferentes línguas (espanhol e inglês).

No primeiro podcast, a redistribuição epistêmica opera no eixo racial e territorial; no segundo, no institucional; aqui, manifesta-se na construção de referências e na representação de trajetórias femininas diversas. Ao visibilizar pesquisadoras de diferentes contextos e áreas, inclusive em campos historicamente masculinizados, o produto amplia referências para mulheres na ciência, especialmente para novas gerações.

4 Considerações finais

As mídias constituem espaços privilegiados de disputa narrativa, nos quais vozes, interesses e regimes de verdade se confrontam. Nesse cenário, este artigo analisou como o INCT Caleidoscópio tem buscado formular e praticar uma política de comunicação científica feminista, entendida não apenas como ampliação da presença de mulheres na ciência, mas como reconfiguração das condições de produção e circulação do conhecimento científico em direção à equidade de gênero e à justiça sociorracial.

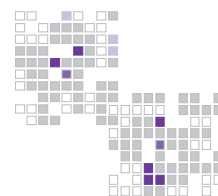
A análise dos três podcasts evidencia diferentes dimensões dessa política. Em “Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola”, observa-se uma redistribuição da

autoridade epistêmica no plano da produção e da enunciação, especialmente nos eixos racial e territorial. Em “Universidade Livre de Assédio”, o deslocamento ocorre no plano institucional, ao visibilizar o protagonismo de pesquisadoras na formulação de políticas de enfrentamento às violências de gênero nas universidades. Já em “Trajetórias Feministas de Pesquisa”, a ênfase recai sobre a construção de referências e a representação de trajetórias femininas diversas nas ciências, especialmente em áreas nas quais a presença das mulheres permanece minoritária, tais como astrofísica, ciências da computação, neurociências, etc.

Tomados em conjunto, os casos indicam que uma política de comunicação científica feminista não se reduz à escolha temática ou à representatividade numérica. Ela implica em recriar formas de autoria, posições de enunciação, regimes de visibilidade e estratégias de circulação, reconhecendo a materialidade e historicidade do conhecimento científico, sempre produzido a partir de saberes situados e objetividades corporificadas. Os produtos analisados evidenciam, ainda, que tais deslocamentos convivem com limites concretos e narrativos, como a concentração de funções nas equipes, a ausência de financiamento específico e a permanência de formas de mediação que nem sempre rompem integralmente com modelos comunicacionais verticalizados.

Quanto à apropriação, a ausência de dados de recepção impede aferir seus efeitos sobre os públicos. Embora os produtos apresentem estratégias de sensibilização, seus efeitos concretos não podem ser afirmados a partir do corpus analisado.

Nesse sentido, uma agenda futura de pesquisa deve incluir estudos qualitativos de recepção capazes de compreender como diferentes públicos interpretam, ressignificam e mobilizam esses produtos. Investigações dessa natureza



poderiam complementar a análise aqui realizada, articulando produção, circulação e apropriação e permitindo compreender como a comunicação

científica feminista é formulada, materializada e recebida pelos sujeitos aos quais se dirige.

Referências

- Araújo, I. S., & Cardoso, J. M. (2007). *Comunicação e saúde*. Editora Fiocruz.
- Bessa, K. A. M., & Resende, V. M. (2026). INCT Caleidoscópio: contribuições feministas para a Política Científica. *Revista Estudos Feministas*, 34(1), Article e108867. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2026v34n1108867>
- Bessa, K. (Anfitriã). (2024 - presente). Trajetórias feministas de pesquisa [Podcast]. <https://open.spotify.com/show/6CXZ9jOSPzcjWO6p45RomP>
- Bourdieu, P. (2006). *As estruturas sociais da economia*. Campo das Letras.
- Ferreira, Z., & Galindo, D. (Direção). (2024 - presente). Mulheres quilombolas nas ciências: de quilombola para quilombola [Podcast]. <https://open.spotify.com/show/6ELSeXQs24Yk0DE9pqBouX>
- Figueira, A. C. P., & Bevilacqua, D. V. (2022). Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 16(1). <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i1.2427>
- Gonzalez, L. (2022). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos*. Zahar.
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pagu/article/view/8634823>
- Harding, S. (1998). Existe um método feminista? In E. Bartra (Ed.), *Debates en torno a una metodología feminista* (pp. 9–34). UNAM.
- Keller, E. F. (2006). Qual o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, (27), 13–34. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000200003>
- Martin, E. (2006). *A mulher no corpo*. Garamond.
- Massarani, L. (2012). Comunicação da ciência e apropriação social da ciência: Algumas reflexões sobre o caso do Brasil. *Uni-pluri/versidad*, 12(3), 92–100. <https://arca.fiocruz.br/items/0e9cedb2-3855-4a31-bed4-16185930c69b>
- Pedro, J., & Guzzo, M. (Anfitriãs). (2024 - presente). Universidade livre de assédio [Podcast]. <https://open.spotify.com/show/0weloLatPq2zxzETC9ttHj>
- Pinheiro, B. (2019, 8 de fevereiro). As mulheres negras e a ciência no Brasil: “E eu, não sou uma cientista?”. *ComCiência*. <https://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista/>
- Reznik, G., & Massarani, L. (2022). Posicionar a divulgação científica em prol da equidade de gênero. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad - CTS*, 17(50), 181–185. <https://www.revistacts.net/contenido/numero-numero-50/posicionar-a-divulgacao-cientifica-em-prol-da-equidade-de-genero>
- Sagan, C. (1996). *O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma vela na escuridão*. Companhia das Letras.
- Samagaia, R. R. (2016). *Comunicação, divulgação e educação científicas: Uma análise em função dos modelos teóricos e pedagógicos* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169089>
- Stengers, I. (2024). *Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências*. Bazar do Tempo.
- Trier-Bieniek, A. (2023, Apr.) Podcasting as feminist pedagogy: An intersectional approach. *Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media*, 21(1), 115-130. https://doi.org/10.1386/rjao_00076_1
- Wolton, D. (1997). *Penser la communication*. Flammarion.

Artigo enviado em 13.03.2026 e aceito em 30.09.2026.

